

Projeto: Conversa com os pais

Tema: Pais, os primeiros contadores de história na vida de uma criança.

O século XXI traz muitas inovações na área da tecnologia e da ciência, entre outras, mas no aspecto das relações interpessoais, o novo século tem sido considerado o vilão das doenças psicológicas, pois muitos confundem novos tempos com afastamento entre as pessoas. Conceito esse que traz certa comodidade a todos, afinal não há tempo, portanto não há diálogo, não há integração, não há proximidade, e conseqüentemente alguns sentimentos ficam estagnados. O maior erro das justificativas de falta de tempo é o fato de não haver tentativa para reverter tal situação, culpando os fatores externos e driblando assim a própria culpa. A desorganização não está no mundo externo, não tem tempo quem não se organiza mentalmente, a confusão está em não se estabelecer prioridades, ou melhor, em não ser prioridade de si próprio.

Toda essa dificuldade se percebe já no início da vida, os bebês não ouvem mais canção de ninar, coloca-se um CD; a babá é eletrônica; contar história virou coisa do passado, coloca-se no máximo um DVD, que se acredita seja mais atrativo, colorido e, por conseguinte mantenha por mais tempo a criança quieta, não favorecendo a interatividade, o suspense, a história narrada dia após dia, levando os pequenos a aguardar a continuação dos capítulos. Quando a criança começa a falar, ela tem hora para isso, ou é depois do jornal, depois da novela, depois do trabalho, ao término de arrumar a cozinha, e assim vai se encontrando uma infinidade de desculpas, para se chegar a uma maior: “meu filho está sempre dormindo quando chego”, “não consigo dialogar mais com meu filho” ou “está criança está sem estímulo para nada”.

Contar histórias para crianças está muito além de uma forma de diversão. Os pais ao contar histórias para os filhos despertam nos mesmos o desejo, o prazer pela leitura, pelas narrativas, aguçam a curiosidade, desenvolvem a atenção e a concentração, estimulam neles o saber ouvir, entender, interpretar, sonhar, imaginar e encadear idéias. Se tais fatores já não fossem importantíssimos, há um que talvez seja o principal, o pai que é contador de histórias, se aproxima mais do filho, estabelece um alicerce afetivo na vida desta criança, que fica para vida toda, quem não se lembra de uma avó, um tio, uma mãe, ou até uma professora que contava histórias de tal maneira, que se viajava junto com o enredo, a tal ponto de muitas vezes o ouvinte sentir-se o próprio personagem da história e como tal ficar imaginando como ele faria naquela situação de ficção. O momento da história era mais aguardado muitas vezes do que o Natal ou o próprio aniversário, porque tal situação era contínua, estabelecendo uma rotina prazerosa entre o contador e o ouvinte, e por conseguinte, estreitando laços de afetividade entre ambos.

Para narrar histórias aos filhos, é necessário se desligar do mundo real, escolher um ambiente aconchegante e assumir o papel de contador de história, dando ênfase nos momentos de clímax, mudando o timbre de voz ao trocar o personagem, fazer gestos, cantarolar, fazer uso de expressão corporal, usar fantoches, fazer teatro de sombras, enfim ser criativo. O resultado: a curto prazo, diversão para ambos; a longo prazo, uma

criança mais confiante, capaz de distinguir o bem e o mal, mais criativa, observando que na própria vida muitas vezes pode mudar o desfecho da história. Quem tem contato na infância com a leitura, torna-se um adulto mais concentrado, com melhor vocabulário, alguém que tem mais facilidade em falar em público, expressar seus sentimentos, argumentar, articular, inferir. A oralidade é fundamental para uma escrita seguindo as regras da norma culta, com bom desenvolvimento de vocabulário, organização, coerência e coesão; quem não ouve histórias, tem menos interesse em ler as mesmas; pois o contador de histórias faz mais do que simplesmente ler, ele encena, vivencia aproxima o ouvinte do texto. As crianças descobrem nos contos, formas lúdicas de desvendar mistérios, tramas, vão criando seus próprios mecanismos de se defender, resolver problemas, interagir a princípio na narrativa, depois no seu dia a dia e na sociedade em que vive.

Os pais são ou pelo menos deveriam ser os primeiros contadores de história dos filhos, o afeto, a proximidade, a voz, e mais uma infinidade de fatores além de aproximá-los, dá a essa criança segurança e base para que ela cresça e vá enfrentando os obstáculos reais, sabendo que existem problemas, mas há soluções, que os conflitos fazem parte da existência humana, que os seres são diferentes, os ambientes são diferentes, e que nem todos os finais precisam necessariamente ser iguais, mas que se pode conviver com as frustrações, aprender com elas e se tornar um adulto mais equilibrado, que percebe que o ser é que abre as portas para o ter, e que viver é como um enredo de livro, cada um vai construindo a própria história, gradativamente, e que essa história é feita de alegrias e tristezas, surpresas e frustrações, e quando se é narrador-personagem da própria vida, o caminho pode ser árduo, mas as pequenas conquistas tornam-se grandes vitórias, proporcionando que cada pessoa escreva, reescreva, refaça, lute por aquilo que ela considera um final feliz.

Algumas sugestões de histórias para contar:

Além dos contos já conhecidos de todos, como Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, as Histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, textos poéticos e histórias em quadrinhos, entre tantos outros, segue abaixo outras sugestões de livros muito interessantes para se contar histórias aos filhos.

- “*O namorado da fada, ou o menino do Planeta Urano*”, de Ziraldo, editora Melhoramentos. (Um conto de fadas contemporâneo, mostrando a esperança de que no futuro nossa imaginação sobreviva)
- “*A casa sonolenta*”, de Audrey Wood, editora Ática (uma fábula terna, aconchegante, repleta de figuras de linguagem)
- “*O Pequeno Príncipe*”, de Antoine de Saint Exupéry (livro que deve ser contado gradativamente, dia após dia, que mostra que homens para serem de verdade, devem primeiro aprender a sonhar)

- “*Contos, Mitos e Lendas para Crianças da América Latina*”, editora Ática (textos diversos resultado de um programa coordenado pelo CERLAL (Centro Regional para o fomento do livro na América Latina e Caribe), financiado pela UNESCO, através do Fundo Internacional para Promoção da Cultura, cujo objetivo é divulgar mitos, lendas e contos populares característicos dos países latino-americanos, visando difundi-los entre crianças e, com isso, contribuir para uma maior aproximação e integração dos povos da América Latina)
- “*Serafina e a criança que trabalha*”, de Jô Azevedo, Iolanda Huzak, Cristina Porto, da editora Ática, (uma narrativa que aborda a marcha global contra o trabalho infantil, reforçando a idéia de que lugar de criança é na escola)
- “*O meu pé de Laranja Lima*”, de José Mauro de Vasconcelos, editora Melhoramentos (clássico da literatura brasileira do século XX, conta a história de um menino paupérrimo, que cria um mundo de fantasia para se refugiar de uma realidade exterior áspera, conferindo alma a animais e árvores)



Professora Josefina Antonia Matteo